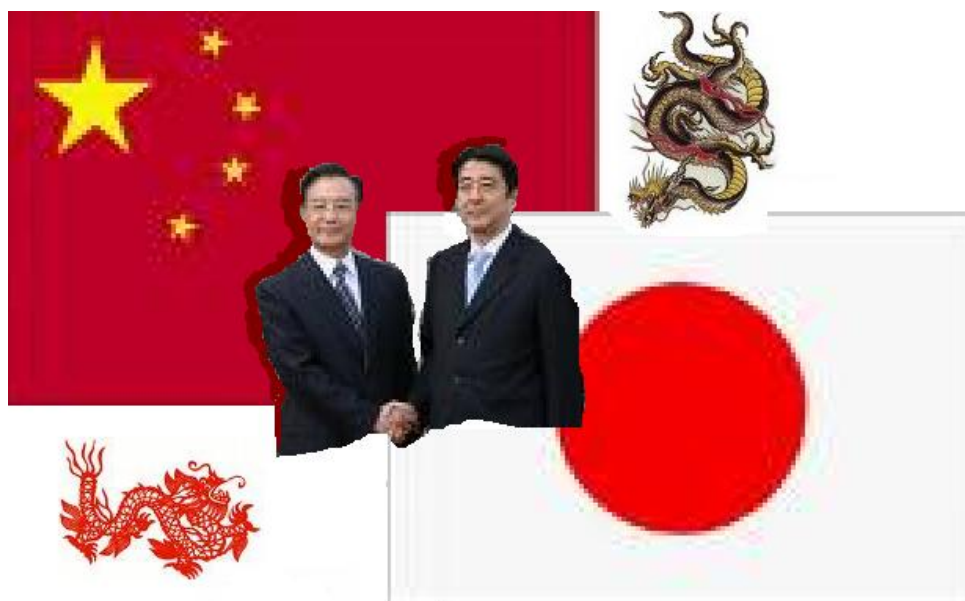




China – Japão: Releitura de cicatrizes históricas

Ricardo dos Santos Poletto

Com uma literatura extensa de atritos políticos, sociais e econômicos na vizinhança do Leste Asiático, tratar de passos de aproximação na região é sempre um exercício alentador, mas que merece dupla cautela.

A visita de Wen Jiabao ao Japão *per se* poderia apenas representar uma fria manifestação formal do reconhecimento de que China e Japão precisam um do outro. Contudo, o teor da jornada ao país vizinho pareceu externar um esboço de reais simpatias recíprocas.

A agenda do encontro dos altos representantes de Estado foi entremeada por eventos de apelo como a recepção de crianças japonesas cumprimentando o premier chinês na língua do convidado e o jogo de baseball, no qual Wen Jiabao não escapou de ser escalado. O ponto alto do roteiro - a inédita visita e discurso ao Parlamento japonês -

confirma o peso dos passos políticos dados em meados de abril.

Por muitos anos, as nações asiáticas que sofreram com a invasão do Japão de Hiroito demandaram reparações como questão de honra de suas políticas externas. Os acordos de 1972, que “normalizaram” as relações entre Japão e República Popular da China não foram nem de longe capazes de amenizar o conteúdo do debate de fundo histórico. As cicatrizes profundas do Massacre de Nanjing são sintomáticas em um cenário de patente antagonismo. Nesse contexto, os benefícios das relações econômicas claramente não bastam como remédio, senão como atenuante.

Wen Jiabao com sua visita respondia o gesto de sua contraparte. Shinzo Abe visitara a China em outubro na tentativa de refazer os laços sob ameaça desde a polêmica visita de seu antecessor, Junichiro Koizumi, ao templo Yasukuni,

local que homenageia os combatentes de guerra japoneses.

Jiabao, em seu discurso, evitou mencionar a demanda chinesa por um pedido de desculpas oficiais do Japão pelos crimes cometidos. Paz, prosperidade, benefícios estratégicos e amizade entre os dois povos foram as constantes do discurso de 40 minutos do premier aos parlamentares japoneses. Mais importante foi seu reconhecimento de que os japoneses também sofreram durante o período de conflitos.

As conseqüências mais imediatas foram a assinatura de acordos regendo questões de aquecimento global e o estabelecimento de estratégias de cooperação no âmbito energético. Os chineses também levantaram suas barreiras contra a importação de arroz japonês, vigente há quatro anos.

Os indicativos de que o movimento de aproximação possa adquirir um caráter perene apontam para três dinâmicas da conjuntura regional:

- 1) China, Coréia do Sul e Japão negociam do mesmo lado da mesa contra o programa nuclear norte-coreano;
- 2) Relações econômicas, que quadruplicaram entre Japão e China nos últimos dez anos;
- 3) Ambiente de visitas de Koizumi à Coréia e de revisão de Shinzo Abe de suas posições consideradas *outspoken views*, com acenos positivos mútuos entre os chefes de Estado de China e Japão.

Há que se considerar, entretanto, que as barreiras políticas e intersubjetivas são marcantes. Vale a impressão de que os diplomatas do Leste Asiático caminham sobre terreno movediço ao se considerarem as inúmeras contendas.

No inventário raso de disputas entre China e Japão figuram: a disputa territorial pelas Ilhas Senkaku; contestação de posse de reservas de gás natural no Mar da China; episódios da II Guerra; Massacre de Nanjing; Templo Yasukuni; Divergências nas publicações dos textos históricos; tratado de segurança mútua do Japão com os EUA; maquiagem do orçamento militar chinês.

O potencial de conflitos regionais com referência a atritos de permanência histórica se estende para a vizinhança próxima. Não só o Japão possui focos de tensão com a península, a China também possui disputas de cunho territorial e histórico - para não mencionar a República da Coréia (Taiwan), o Tibete e a Mongólia, com os quais a China particularmente cultiva disputas em maior ou menor grau.

Contendas Chinesas
Coréia do Norte: Montanhas Baitou; programa nuclear norte-coreano.
Coréia do Sul: Ilhas Socotra;

Contendas Japonesas
Coréia do Norte: <i>comfort women</i> , seqüestro de japoneses na década de 70; programa nuclear norte-coreano.
Coréia do Sul: Ilhas Takeshima; Templo Yasukuni.

Os problemas têm sido relativizados por meio da cautela diplomática que, episodicamente, enfrenta maiores dificuldades com os tropeços cometidos pelos chefes de Estado. O fato é que as grandes potências da região esboçam desenhar uma agenda cooperativa para o Leste Asiático. Para tanto, a estabilização das relações sino-japonesas são fundamentais como alicerce de passos mais audaciosos. As últimas manifestações regionais nesse sentido,

entretanto, manifestas pelo presidente chinês, Hu Jintao, urgem uma relação mais próxima entre China e Taiwan em termos econômicos e culturais. Taiwan permanecerá como a fronteira sensível desse processo. Por enquanto, basta que Japão e China continuem afirmando que, a despeito das profundas cicatrizes e diferenças, também têm muito em comum.

As consequências regionais das mãos estendida chinesas e japonesas são significativas. O momento de disposição política de aproximação foi concebido para quebrar o ciclo de avanços e retrocessos do diálogo regional. Embora o debate em âmbito militar seja recorrente, opondo claramente as duas potências vizinhas, o sucesso de uma comissão de compartilhamento de visões históricas pode assumir proporções maiores.

Dada a importância de questões político-militares e econômicas, a questão raramente recai sobre avaliações dos impactos em âmbito societário. O apelo da rivalidade sobre setores da sociedade civil dos países do contexto regional é fundamental para se explicar as dinâmicas de atritos na Ásia-Pacífico. Um primeiro passo no sentido de superar obstáculos de interação intersubjetiva - que permeiam tanto o raciocínio dos burocratas formulando política externa quanto a atitude da sociedade civil diante das nações vizinhas - prepara terreno para projetos mais audaciosos de constituição de uma vizinhança mais estável e mais coesa em torno de um dos principais epicentros da economia e política global.